

SOBRE “L’ENONCÉ: ENCHÂSSEMENT, ARTICULATION ET DÉ-LIAISON”¹
(Texto de Michel Pêcheux, apresentado no Colóquio sobre “Materialidades Discursivas”, em abril de 1980, Universidade de Paris X – Nanterre.)

Elsa Maria Nitsche Ortiz
UFRGS

O Colóquio “Materialidades Discursivas” marca uma nova etapa, em que a “dominação da ideologia dominante, noção subjacente à interpretação do interdiscurso, será questionada” (Maldidier 1980, p. 61). O texto introdutório do Colóquio, de autoria de Michel Pêcheux (redigido em 1979) sugere o abandono da teoria do discurso, apresentada então como “um fantasma teórico unificador”, como uma “soma ingênua da lingüística à história e à psicanálise”. Isto porque a trajetória precedente da AD havia trazido à tona a evidência da existência de um real da língua, de um real da história e de um real do inconsciente, evidências não somatórias, não formando “um triplo real da língua, da história, do inconsciente”. Para Pêcheux, a questão das materialidades discursivas deveria ser vista através de um “espaço de confrontação entre disciplinas ‘relacionadas ao discurso’, sendo a AD somente uma entre elas” (id. ib. p. 65), esboçando-se, assim, uma “nova maneira de trabalhar” o discurso.

O Colóquio de 1980 é organizado em torno de cinco temas:

1. Para onde vai a AD?;
2. Discurso e História;
3. Discurso e Lógica;
4. Discurso e Lingüística;
5. Discurso e Psicanálise.

¹. “O enunciado: encadeamento, articulação e desligamento”

É necessário salientar, entretanto, que a problemática dos limites da língua e do discurso — o lugar em que a língua encontra um sujeito — já estava sendo trabalhado por:

- a) lingüistas reunidos em torno de Jean-Claude Milner;
- b) Michel Pêcheux (sobre a enunciação), “conversando” com Judith Milner (linguagem e língua) e Almuth Grésillon;
- c) Jaqueline Authier-Revuz (enunciação no discurso relatado).

Jaqueline Authier-Revuz, lingüista, primeiramente estranha no ninho da AD, mostra as evidências de que, através de rupturas enunciativas no “fio do discurso”, surge um outro discurso no interior do próprio discurso. É o emergir de elementos decisivos na problemática da heterogeneidade discursiva. A presença desta lingüista no Colóquio marca “o início de uma colaboração que deveria prosseguir até o fim” (id. ib. p. 67), dando a tônica do evento: a heterogeneidade toma o lugar da contradição marxista ou dos fracassos da interpelação ideológica, segundo Denise Maldidier² (op. cit. p. 68).

Como lingüista, é natural que meus interesses se voltem para o campo das relações entre Discurso e Lingüística, procurando os enfoques lingüísticos nas questões de AD, isto é, pesquisas lingüísticas que trabalham a *discursividade*.

A comunicação de Michel Pêcheux “O enunciado: encadeamento, articulação e desligamento” apresenta suas inquietações a respeito dos limites entre língua e discurso, o “lá” em que a ordem da língua dá lugar à ordem do discurso, no sentido foucaultiano da expressão.

No texto, Pêcheux declara textualmente querer apresentar algumas de suas reflexões a cerca da “relação entre a gramática, vista como teoria da frase-enunciado, e algumas questões inerentes à discursividade” (op. cit. p. 143), aqui tomada como a realização seqüencial do intradiscurso.

² Esta citação de Denise Maldidier foi vivamente criticada no I Seminário de Estudos em A D, no painel de 13 de novembro de 2003, quando o presente texto foi por mim apresentado.

No artigo em questão, o foco de seu estudo centra-se em duas situações:

- 1) quando um enunciado (no sentido tradicional benvenistiano) contém um outro enunciado suscetível de liberar-se;
- 2) quando dois enunciados podem ligar-se formando assim uma seqüência enunciativa.

Estas duas situações são analisadas a partir de condições — insertivas, disjuntivas e conjuntivas — de sua realização.

Seguindo-se a estas duas situações, Pêcheux anuncia sua hipótese: a história sob a gramática e conclui sua tese através de uma metáfora.

1- Quando um enunciado pode esconder um outro enunciado.

Quais as condições que permitem tal disjunção?

Para Pêcheux, assim como para os gramáticos, as condições para que tal processo discursivo ocorra são facilmente recuperáveis pela própria gramática. E para comprová-lo, Pêcheux toma como exemplo as construções relativas. Nas relativas determinativas³, feitas através de conexões juntivas a oração subordinada, ao restringir ou precisar a extensão de seu antecedente, acrescenta-lhe um elemento importante quanto ao sentido do enunciado, demonstrando, entretanto, não dispor de “nenhuma independência enquanto enunciado”, funcionando como “um dispositivo gerador de um nome referido a um objeto de um mundo” (id. ib.). A presença do pré-construído como efeito do interdiscurso é apagada em sua realização seqüencial intradiscursiva.

³ A determinação, segundo Claudine Haroche (*Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981, p. 150), “designa duas coisas que, sem serem radicalmente diferentes, são, entretanto, bastantes disjuntas para que se distingam dois aspectos. A determinação designa primeiramente a natureza de uma relação necessária, unindo o sujeito ao discurso, ao saber, aspecto que não é totalmente dissociável do segundo aspecto – isto é: o postulado da determinação que trabalha no projeto próprio de qualquer gramática. Na gramática, a determinação aparece como uma necessidade tática”.

O exemplo analisado por Pêcheux é:

“Os comunistas apóiam as lutas que mostram a determinação combativa dos trabalhadores”.

Nota-se claramente que o desligamento dos dois enunciados não pode ser feito livremente. Só poderá haver a separação se for “repetida a operação de geração de um objeto pelo traçado de uma fronteira”, através de nova determinação em uma construção condicional:

“Os comunistas apóiam as lutas sob a condição de que estas...”.

Já nas construções relativas explicativas — em francês também ditas apositivas — a conexão é disjuntiva e incidente, abrindo, assim, a possibilidade de uma separação. A separação resultante poderá ser facilmente recuperada através de construções do tipo:

a) adverbial

“Os comunistas apóiam as lutas, porque elas mostram...”

b) coordenada:

“Os comunistas apóiam as lutas, pois / com efeito elas mostram...”

c) justaposta (com inversão eventual dos enunciados):

“As lutas mostram a determinação dos trabalhadores. Os comunistas as apóiam.”

Pêcheux também mostra, *en passant*, a possibilidade (rara) da justaposição de enunciados independentes através do uso de uma frase nominal.

“Os comunistas apóiam as lutas. Pelo menos as que...”

Como conclusão prévia: constata-se que o espaço teórico da gramática, aparentemente “é capaz de dar conta das trocas sintáticas que possibilitam a passagem do encadeamento à justaposição de enunciados independentes”.

2. A junção de dois enunciados para formar uma seqüência enunciativa

Para Pêcheux, o caminho que permite a separação de enunciados não é um caminho de mão dupla. Por que alguns enunciados são passíveis de se coordenarem e outros não?

São coordenáveis:

- a) Dois enunciados que partilham constituintes idênticos — sejam eles sintagmas nominais ou verbais;

No caso dos SN é necessário que o compartilhar dos constituintes evidencie uma certa homogeneidade.

“Pedro e Maria compram maçãs e laranjas”.

No caso do SV, há a necessidade de “construir uma ligação” entre os predicados. Pêcheux toma como exemplo⁴:

“João come maçãs.”

“João jamais vai ao médico.”

em que o elemento de ligação entre os predicados parece ser o ditado anglo-americano

“Uma maçã por dia mantém o médico afastado”,

em que, usando a teoria de Ducrot, há a convocação de um topós do tipo:

“A maçã é tão boa para a saúde que comer uma delas por dia, mantém o médico afastado.”

Com esse elemento ideológico-cultural de conexão os dois enunciados podem encadear-se através de uma incisa ou de uma relativa apositiva.

“João, que come maçãs, jamais vai ao médico.”

Mas é necessário salientar que, para que tal coordenação fosse possível, um *saber*, exterior à gramática, teve que ser convocado. A este saber, manifestação do interdiscurso, Pêcheux dá o nome de *dispositivo de articulação de enunciados*.⁵

⁴ Exemplo usado por Bastuji, 77.

⁵ Já em 1972, Beaugrande e Dressler referem-se a elementos que estão fora da superfície textual, que fazem parte de situações culturais e que autorizam essa superfície textual a ser considerada um texto propriamente

b) Dois enunciados não compartilham constituintes idênticos.

Há alguns casos em que dois enunciados sem constituintes compartilhados podem encadear-se formando uma seqüência enunciativa. É quando há uma clara manifestação do interdiscurso na discursividade formalizada seqüencialmente no intradiscurso⁶, sem que as teorias sintáticas possam explicar, mostrando o necessário limite interno da gramática.

Pêcheux toma como exemplo:

“Está nevando. Não sairemos”

em que se pode claramente recuperar

“Quando neva, não se costuma sair”

Entretanto, tal saber não se aplica a qualquer SN,

“Está nevando. Os limpadores de neve não sairão”

pois a evidencia de uma condução semântica não pode ser aplicada no caso do SN *limpadores de neve*.

Aqui se evidencia claramente que a ordem da língua, da gramática, deve dar lugar à ordem do discurso.⁷

São encadeamentos “explosivos”, uniões não pacíficas, mostrando o ponto em que “a ordem do discurso é trabalhada pela história”⁸ (id. ib. p. 145).

3. Hipótese de Pêcheux: a história sob a gramática

Para Pêcheux, a impossibilidade da coordenação sintática vista anteriormente não se deve a uma impossibilidade constitutiva da gramática (ligada

dito. São elementos inerentes a uma capacidade de vinculação com conhecimentos de mundo, sejam eles estereotipados ou acidentais, que os sujeitos têm.

⁶ É o que Bally chama de coordenação semântica e que Ducrot também analisa em trabalhos sobre implícitos, usando o exemplo “Está calor. Vamos para a praia.”

⁷ Aqui, também, deve-se lembrar os estudos de Beaugrande e Dressler, bem como os de Ducrot.

⁸ Pêcheux lembra aqui o efeito contraditório da referência ao “non-sense”, em dois níveis. Ou seja: em um primeiro nível, a relação como “efeito surrealista induzido por uma sobre-determinação inconsciente” – como exemplo, tem-se a escritura automática e o “cadavre exquis”. Em um segundo nível, a relação como uma manipulação lógica de enunciados quaisquer. Como exemplo, textos de Lewis Carroll.

ao formalismo lógico), mas sim uma interdição epistemológica. Segundo o autor, isso se deve a uma divisão histórica das práticas discursivas — práticas discursivas lógicas e práticas discursivas em que há uma subversão da lógica no espaço da gramática.

Estas práticas discursivas em relação claramente antagônicas, produziram dois tipos de escrita — também em relação de oposição: “a escritura por encadeamento” e a “escritura por desligamento”.

1- Escritura por encadeamento. Esse tipo de escritura tem como exemplo canônico os Códigos de determinada sociedade. O discurso desses textos obedece a uma evidência lógico-jurídica, em que as relações de determinação e de explicação devem ajustar-se perfeitamente em um espaço sem resto” em que “a geração dos nomes apoderam-se do real, fixando-lhes os limites”, para mais facilmente enquadrá-los e recuperá-los.

No discurso Jurídico, é essencial que tudo o que existe seja nomeado, identificado.

Entretanto, mesmo a escritura por encadeamento pode ter sua lógica subvertida, embora mantendo a lógica da construção gramatical. E José Luís Borges é um poderoso exemplo disso com sua obsessão pela produção do enunciado⁹, mesmo a possibilidade da exclusão de si mesmo, Borges, como enunciator..

2- Escritura por desligamento.¹⁰ Exemplo desse tipo de escritura nos é dado por James Joyce, em que “as desconstruções gramaticais se emanam (se encabrestam) ao discurso oral a ponto de enterrar a frase na litania dos enunciados” (op. cit. p. 147). Deslocamentos, justaposições, frases

“Cadavre exquis” é, segundo o Petit Robert, 1993, p. 281, um “jogo surrealiata que consiste em compor coletivamente uma frase, escrevendo uma palavra em um papel que deve ser dobrado antes de ser passado adiante, ao jogador seguinte que, por sua vez, escreverá um outro elemento da frase”.

⁹ Isto acontece em jogos infantis e de adolescentes, semelhantes ao “cadavre exquis” e também em literatura infantil

¹⁰ O nome desligamento foi forjado, segundo Pêcheux, nos moldes freudianos (Ent+Bindung), sendo “Bindung” a constituição e a manutenção das formas estáveis.

interrompidas, apagamentos que afetam o “ponto de enunciação”.

Questiona Pêcheux: Não se estaria diante da escritura do sujeito dividido?

4. Conclusões de Pêcheux

Atualmente (até 1981, ao menos) as teorias gramaticais se apresentam segundo sua adesão ou não-adesão à gramática gerativo-transformacional¹¹ que se define como uma lingüística do encadeamento, que preserva, através de estratégias, as estruturas formais.

Entretanto Pêcheux salienta que, sob o manto da agramaticalidade, aparecem tendências que remetem ao desligamento, evidenciando, assim, a inscrição da história, do inconsciente, do interdiscurso na linearidade seqüencial da materialidade lingüística

Metaforicamente, a frase gramatical clássica seria vista pelas teorias que aderem à gramática gerativo-transformacional como comparável à relação sexual completa, realizada com sucesso. Esta metáfora, entretanto, segundo Pêcheux, desfaz-se com a afirmação lacaniana da não-existência da relação sexual (nada a ver com o ato sexual). Ou dito de outro modo: a completude gramatical não existe. Existe sempre a falta, a lacuna, a falha...

Referências Bibliográficas:

BEAUGRANDE, R.-A.& DRESSLER, W. U. *Einführung in die Textlinguistik*.
Tübingen: Max Niemayer Verlag, 1972.

¹¹ Aqui, igualmente, devemos observar que Pêcheux parece não levar em conta outras teorias já bastante desenvolvidas na Europa, e que não se enquadram na teoria gerativo-transformacional.

GREVISSE, Maurice. *Le bon usage*. Paris, Gembloux: Hatier, Duculot, 1964.

HAROCHE, Claudine. L'ellipse (manque nécessaire) et l'incise (ajout contingent). In *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

MALDIDIER, Denise. *L'inquietude du discours*. 1980.

PÊCHEUX, Michel (org.) *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.